

A importância de não ser filósofo

Antonio Candido

Uma versão menor deste artigo foi publicada com outro título, tradução francesa de Pierre Rivas, na revista *Europe*, n. 919-920, novembro-dezembro de 2005, dedicado à cultura brasileira.

Quando se pensa na “Missão Francesa”, que nos anos de 1934 e seguintes veio inaugurar com a italiana e a alemã a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da recente Universidade de São Paulo, ocorrem imediatamente os nomes dos que ficaram famosos, sobretudo Claude Lévi-Strauss e Fernand Braudel. Mas naquela altura todos não passavam de jovens desconhecidos em começo de carreira e, dando um balanço, poderemos ver que, do ponto de vista brasileiro, para nós foram tão importantes quanto eles outros cujo futuro não teve o mesmo brilho.

É o caso do meu professor de filosofia, Jean Maugüie, jovem *agrégé* que não chegou mais tarde ao magistério superior em seu país, onde teve pouca ou nenhuma presença intelectual, e no entanto desempenhou aqui um papel de relevo.

Quando começou a ensinar em São Paulo, no ano de 1935, substituindo o igualmente jovem Pierre-Étienne Borne, tinha trinta anos e ensinara num liceu de província. Era um rapagão louro, de olhos azuis, tipo bem nórdico, pouco convencional, céptico em relação às convenções universitárias, simpatizante comunista (o único da “Missão Francesa”), apaixonado por música, pintura, literatura. Como professor era cintilante. Talvez a sua informação fosse menos sólida que a de outros colegas franceses, mas ele sabia transformá-la em fonte de inspiração para muitos estudantes. Percebendo provavelmente que não poderia exigir de nós o que se exigia de um estudante francês, procurou ajustar o ensino à situação local. Dizia, por exemplo: “Quero que a filosofia lhes sirva para ler melhor o jornal, analisar melhor a política, compreender melhor o seu semelhante, entender melhor a literatura e o cinema.” Com estas idéias, se não formou filósofos, influenciou a vida intelectual de seus alunos.

Mas dava também conselhos marcados pelo rigor, digamos específico, como este que não esqueci: o estudante de filosofia deveria concentrar-se na leitura de uma obra difícil, lendo, relendo, refletindo sobre cada conceito, esclarecendo cada palavra, até compreendê-la completamente, em todos os níveis. É um trabalho lento e penoso, mas ao cabo o estudante seria capaz de refletir e adquirir a verdadeira cultura. Para exemplificar, contava ter feito esse trabalho, quando era aluno na École Normale Supérieure, com o livro *L'Expérience Humaine et la Causalité Physique* de seu professor Léon Brunschvicg, pelo qual tinha especial admiração e no qual sempre falava.

Naqueles tempos iniciais, coube-lhe todo o peso do ensino da matéria, e só depois de alguns anos (creio que em 1939) começou a ser auxiliado por dois assistentes: João Cruz Costa, da sua idade, e Lívio Teixeira, um pouco mais velho, ambos de mentalidade já formada. Por isso, se desdobrava, dando cursos de filosofia geral, de história da filosofia, psicologia, – procurando quase sempre estimular os que se aproximavam dele a se construírem conforme o seu pendor.

Lembro a propósito a primeira dissertação que lhe apresentamos, no primeiro semestre de 1939. O curso era sobre as emoções, com apoio em obras de Pierre Janet, Freud e sobretudo Max Scheler (Natureza e formas da simpatia). Na aula inicial nos disse de maneira sintomática: “Quem não leu o *Hamlet*, de Shakespeare, e *Crime e castigo*, de Dostoievski, não deve assistir este curso”. Como tema do trabalho escrito pediu um comentário dos seguintes versos de Alfred de Musset:

*L'homme est un apprenti, la douleur est son maître,
Et nul ne se connaît tant qu'il n'a pas souffert.*

Recém saído do efêmero Colégio Universitário Anexo à Universidade de São Paulo, onde o meu excelente professor de psicologia

tinha acentuado o caráter científico desta, procurei argumentar com base na psicofisiologia, alegando que a dor é mais real, porque teria sede fisiológica nos “pontos de von Frey”, enquanto o prazer é difuso etc. etc. Maugüé me deu nota mediana, escrevendo à margem mais ou menos o seguinte: na sua idade a sua experiência é certamente mais literária; por que então pô-la de lado e falar do que ignora?

Durante três anos fui seu aluno e fiquei seu amigo. Além do curso mencionado assisti outros dele, sobre Schopenhauer, Nietzsche e Hegel. No seu pensamento havia uma larga dose de marxismo muito aberto, coisa raríssima no tempo, que contrastava, aliás, com o seu estrito stalinismo quando se tratava da política oficial dos partidos comunistas.

As suas aulas, sempre no fim da tarde, eram um ponto de encontro para estudantes de turmas anteriores, que continuavam a ouvi-lo por prazer, como se não pudessem desprender-se do seu fascínio. Antes de entrar na matéria dedicava algum tempo a comentar os fatos do dia, filmes, livros. Lembro de quando nos disse: “Aconselho a vocês a leitura de um livro que acaba de sair de meu colega Sartre: *Le Mur*”. A propósito desse ritmo de suas aulas, Gilda de Mello e Souza escreveu no ensaio “A estética rica e a estética pobre dos professores franceses”: “Esse era o momento preparatório no qual, como um acrobata, esquentava os músculos; depois, alçava o vôo e, então, era inigualável”.

Sendo solteiro, convivia bastante com seu assistente e grande amigo Cruz Costa e certos alunos. Em 1941 um grupo de estudantes e jovens licenciados fundou a revista *Clima*, que ele lia e comentava, inclusive criticando a sua estrutura pesada. Dizia que uma revista deve ser organizada de modo que a leitura comece pelo fim, pelas pequenas notas, notícias, variedades, crônicas leves. Isso nos levou a modificar *Clima*, dando-lhe uma organização inspirada em *Europe* e *La Nouvelle Revue Française*. Em 1943, já formado e assistente da Faculdade, comecei a fazer crítica literária semanal no jornal Folha

da Manhã. Maugüé me estimulava e certa vez registrou com visível prazer a sua influência em alguns artigos.

Depois da guerra, com a Faculdade amadurecida, as coisas mudaram e vieram professores franceses que, ao contrário dele, eram filósofos empenhados em desenvolver uma carreira profissional específica e orientar os estudantes no mesmo sentido. Eram filósofos formando filósofos. Além disso, Cruz Costa e Lívio Teixeira, seus substitutos, estabeleceram um sistema segundo o qual jovens licenciados brasileiros passaram a fazer em universidades francesas estágios de dois e três anos, o que deu solidez e especificidade à sua formação. Na Faculdade de São Paulo a filosofia deixou então de ser, como em nossa fase heróica, uma espécie de visão genérica. Maugüé estava sendo superado e as novas gerações o esqueceram rapidamente.

Mas muitos de nós, seus antigos alunos, mantivemos a sua lembrança, pois para nós a sua contribuição foi decisiva, paradoxalmente porque não era filósofo segundo o catálogo, mas um espírito livre, que se ajustou à realidade cultura de São Paulo naquele momento e nos ajudou a encontrar o próprio destino intelectual.

Uma vez, na altura de 1950 pouco mais ou menos, ele quis voltar (mas acabou não voltando). A Congregação, levando em conta que era um veterano da Casa, decidiu preferi-lo a outro candidato, o jovem e já respeitado Yvon Belaval. Martial Guérout, que estava ensinando aqui e teve papel importante na renovação e consolidação dos estudos filosóficos entre nós, ficou bastante contrariado e censurou a opção, dizendo-me que era injustificável, “parce que Maugüé n’est pas un philosophe”. No dia seguinte, com muita gentileza, me procurou para desculpar-se pelo desabafo, porque sabia o quanto eu estimava o meu antigo professor. Eu lhe disse que não havia o que desculpar, pois ele tinha perfeita razão do seu ponto de vista, – mas pensei com os meus botões que, justamente por ser como era, Maugüé fora tão importante para nosso grupo, formado por jovens que não desejavam ser filósofos e acabaram

se dedicando quase todos a diferentes modalidades de crítica. Por isso foi providencial, tão atuante e fecundo ao seu modo quanto os colegas que ficaram famosos, enquanto ele passou a vida na obscuridade.

* * *

Jean Maugué lecionou em São Paulo de 1935 a 1944, quando se alistou, como tenente de infantaria da reserva, nas forças armadas da França livre e, a partir do Norte da África, fez com distinção a campanha com o 1º Exército, comandado por De Lattre de Tassigny, acabando nas tropas de ocupação da Alemanha vencida.

Depois de dispensado, em vez de voltar às aulas pediu para entrar no serviço diplomático e ficou nele alguns anos, até voltar ao ensino como professor do famoso Liceu Carnot, em Paris, onde deslumbrava os estudantes como nos tinha deslumbrado aqui. Em 1997 um de seus antigos alunos dessa quadra me escreveu quando soube que havia sido fundado em nossa Faculdade um centro de estudos com o seu nome, o que, disse ele, lhe causara alegria, pois se Maugué fora esquecido na França, era lembrado “no Brasil que tanto amou”. Disse também que graças ao seu ensino, que qualificou de “luminoso”, desistira da carreira de executivo, à qual se destinava, para dedicar-se à vida intelectual, acabando professor na Universidade de Paris.

A São Paulo Maugué voltou rapidamente duas vezes. A primeira foi algum tempo depois da guerra, de passagem para Buenos Aires, onde ia assumir o cargo de secretário de embaixada. A segunda foi nos dias tumultuados que precederam o AI-5, em 1968, no decorrer da viagem que ganhou como prêmio de um concurso. Revendo os lugares onde residiu, circulando meio perdido pela cidade em crescimento desabalado, ficou cheio de perplexidades e nostalgias, reavaliou a vida e chegou a dizer que talvez não devesse ter saído do Brasil.

Aposentado, publicou em 1982 um livro de memórias admiravelmente bem escrito, *Les Dents Agacées*, o seu único texto de maior vulto, em cuja motivação profunda Fernand Braudel parece haver tocado numa resenha lúcida e compreensiva publicada em *Le Monde*, ao dizer que Maugüé o escrevera a fim de perguntar a si mesmo a razão pela qual alguém tão capaz como ele nada produzira que mostrasse quem realmente era: “Um modo de se explicar, de se desculpar e, também, de dar com essa realização brilhante da última hora a comprovação”.

1. Concerto. 15 de novembro de 1959 [Leonora]. N. 2. Executada por [A. Bender]. Música como modelo de significação – deste silêncio do qual a linguagem é feita. Essa música que desenrola [volutas] de motivos, enrolados em volta de um *Etwas* – invertendo-se, fazendo do fundo figura e da figura, fundo.

Interpretar toda a percepção, toda sua eloquência neste silêncio. Em todo caso, a música, como a pintura, é no mundo sensível o que é a filosofia no mundo inteiro.

2. A evidência na música.

Ao escutar uma bela música: impressão de que este movimento que começa já no seu termo, que ele vai ter sido, ou mergulhar-se no futuro que se tem assim como o passado – ainda que não se possa dizer exatamente o que ele será. Retrospecção antecipada – Movimento retrógrado in futuro: ele desce em minha direção inteiramente pronto.

Maurice Merleau-Ponty

Tradução: Leandro Neves Cardim¹

¹ Traduzido de “Deux notes inédites sur la musique”. In *Chiasmi International*, 2001, p. 17.

